

ENTREVISTA: PROFESSOR JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES

INTERVIEW: PROFESSOR JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES

Entrevistadora: Manuela Xavier Gomes de Matos¹

manumatos@uol.com.br

1



O Professor José Luiz Mota Menezes, graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco em 1961, obteve título de Livre-docência pela mesma Universidade em 1977. Como professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo foi coordenador da área de Artes desde 1972 até 1985. Desde então é professor aposentado. Em 2003 recebeu a honraria de Professor Emérito da UFPE. Dedicar-se a pesquisa de temas relacionados à história da arquitetura, arqueologia e história das artes.

¹ Discente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

Clio: Qual a relação da Arquitetura com a Arqueologia?

Professor José Luiz: Vou dar um depoimento da minha relação entre arquitetura, história e arqueologia. Toda a experiência em termos de prospecção nas igrejas, para definir o partido das intervenções, era feito sem nenhuma ciência específica e sem os cuidados técnicos da arqueologia. Airton de Almeida Carvalho, superintendente do IPHAN, na oportunidade, removia os rebocos internos e externos das construções. Fazia antes um levantamento completo do que existia e depois através da colaboração de arquitetos que gostavam dessa área de

Toda a experiência em termos de prospecção nas igrejas, para definir o partido das intervenções, era feito sem nenhuma ciência específica e sem os cuidados técnicos da arqueologia

intervenção, ia definindo um partido. Então, era apenas uma verificação no momento em que eram arriados os rebocos, para ver se existia cantaria, se existia pintura etc. Mas, o grande problema residia em que algumas igrejas tinham ampliações, tinham supressões, tinham emendas em lugares que não tinham explicação. Então, às vezes, se passava por cima de tudo isso e era apenas registrado em fotografias. No fim, a gente não sabia como se deu a evolução da própria arquitetura.



Todos nós sabemos que, em 1631, Olinda foi incendiada. É um caso específico. Foram também destruídas outras construções com a invasão holandesa, pela Companhia das Índias ocidentais. Nesse momento, queimaram-se os telhados, destruíram-se soalhos, e se destruiu também altares, retábulos e imagens. Ora,

*Esse tipo de
arqueologia de
remover reboco, não
dava as respostas*

houve um hiato, porque quando se reconstruiu Olinda, esse tipo de arqueologia de remover reboco, não dava as respostas. Não estabelecia coordenadas verticais, horizontais, tridimensionais para que a gente pudesse ter uma ideia do que a arqueologia poderia oferecer numa prospecção e o que daí resultaria como um partido de intervenção.

3

A partir dos programas e leis para proteção de cidades históricas, em que houve a necessidade de um dever de legislação, de se fazer a intervenção projetada por completo, alguns edifícios foram restaurados: é o caso, por exemplo, da Igreja da Sé de Olinda, da Igreja de Nossa Senhora da Graça do antigo Seminário, do Palácio dos Bispos, e da Casa de Detenção. No caso da igreja da Sé e da Graça, houve uma situação singular. E por isso resolvi fazer minha dissertação de mestrado sobre a Sé, e trabalhei, para efeitos de um futuro doutoramento, a Igreja da Graça. Então, por exemplo, no caso da Igreja da Graça, eu indiquei o partido de uma restauração baseado nas imagens de Franz Post, e em conjunto com dados

levantados a partir de prospecções sumárias nas colunas, capitéis, arcos e nas próprias fachadas. Essa prospecção foi feita sem nenhum princípio, senão aquele de Airton Carvalho. O projeto de restauração da Igreja da Graça, enviando para a SEPLAM como uma ideia inicial, levou em conta as teorias de Ruskin: que todos os momentos do edifício deverão ser registrados e assim tentar uma harmonia entre os diversos momentos. Coisa que já tinha acontecido antes comigo, quando eu e Airton Carvalho restauramos a Igreja do Convento dos franciscanos do Recife. Nesse caso, a capela mor é do século XVII, com os azulejos e com todo o material típico; a nave tem ornamentação eclética; no sobrecoro mantivemos a

Nesse sentido, eu acredito que qualquer intervenção em edifício deve ser realizada com a presença de um arqueólogo, de um arquiteto e de um historiador

pintura do século XVIII; na fachada permaneceu a fachada que chegou até os nossos dias. As decisões para a capela mor foram baseadas na remoção do reboco e na retirada de uma abóbada de madeira, por exemplo. Então, todas as etapas estavam vistas, mas sem que a gente pudesse comprovar sob o ponto de vista científico.

4

Nesse sentido, eu acredito que qualquer intervenção em edifício deve ser realizada com a presença de um arqueólogo, de um arquiteto e de um historiador. Porque, muitas vezes você descobre um elemento, um vestígio da presença humana, mas

não tem base pra saber a história do povo que deixou aquela presença. Outras vezes você não tem conhecimento da história da arquitetura, da história da ocupação urbana, de como você utiliza essa ocupação urbana com a cartografia. Inclusive, às vezes, as medições que a gente faz na cartografia são verificadas a partir do que se encontrou através da arqueologia.

Clio: O senhor poderia nos dar exemplos de projetos de restauração realizados com e sem a presença de um arqueólogo?

Professor José Luiz: Sim. O caso da Igreja da Sé de Olinda e da Igreja de Nossa Senhora da Graça do antigo Seminário. Na igreja da Sé, onde não houve a participação de um arqueólogo, eu fui crucificado pelo projeto de restauração. Como nós estávamos vivendo um período militar, em que não se divulgavam as

Na igreja da Sé, onde não houve a participação de um arqueólogo, eu fui crucificado pelo projeto de restauração

coisas feitas pelo governo, então não havia transparência. E eu não estava autorizado pelo Iphan, a divulgar em jornal. Então, a gente não pôde dar à população uma satisfação. Eu descii a Sé de 40 metros para 20 metros de altura, e deixei a edificação com um aspecto anterior ao de receber os ornatos barrocos, com o aspecto maneirista. Realmente foi chocante. Os olindenses e os profissionais de intervenção e os arqueólogos, no caso da Sé,



ficaram preocupados, porque não houve uma arqueologia, houve apenas aquele procedimento de remover o reboco. Contudo, nesse projeto eu procurei, exatamente, chegar à cantaria. Eu localizei todas as cantarias da Sé. Não há nenhuma dúvida. As cantarias da capela, os alicerces da capela comunicante, tudo foi localizado, inclusive as curvas das abóbadas.

É por que eu fiz isso? Porque a Sé é parte de um conjunto de matrizes portuguesas, igrejas matrizes, em que se recomendava a solução de Brunelleschi, que é aquela solução de três naves: com a parte central elevada, onde se iluminava. Brunelleschi utilizava um módulo, a Sé utiliza o módulo que é a Capela mor. Então há um estudo completo, de interação geométrica, de proporções, de repetições que me fizeram dizer que a Igreja eclética é uma vestimenta. A Igreja criada, em 1578, é uma igreja com fundamentos e desenhos que são valiosos para a história brasileira. Quer dizer, a preferência ali não foi somente, para a igreja, mas foi para a igreja e a sua forma pricipa. Quer dizer, a forma mais antiga, aquela que, justamente, foi determinada, provavelmente, pelo mesmo arquiteto da Igreja da Graça: Francisco Dias, pois os óculos são coincidentes. Por isso devem ser do mesmo autor.



Na Graça nós não tivemos absolutamente nenhum problema. E por quê? Quando aconteceu a descoberta de partes de pedra na Igreja da Graça, durante a prospecção sumária nas colunas, capitéis, arcos e na própria fachada seguindo o

Foi uma restauração feita, portanto, em duas etapas: a primeira etapa com uso, apenas, de imagens e informações cartográficas, e a segunda etapa, onde entrou o arqueólogo

restauradora, mudando até aquela que foi encaminhada para a SEPLAM como uma ideia inicial. Quer dizer, foi uma restauração feita, portanto, em duas etapas: a primeira etapa com uso, apenas, de imagens e informações cartográficas, e a segunda etapa, onde entrou o arqueólogo.

No projeto da Igreja da Sé, apesar de Marcos Albuquerque não ter tido participação, ele viu comigo o reboco retirado e todos os elementos de perfil de pedra que foram documentados e fotografados. Então, no meu ponto de vista, a

princípio de Airton Carvalho, eu convidei Marcos Albuquerque, que estava fazendo uma obra ali perto, em Itamaracá, no Sítio dos Matos. Então, nós iniciamos. E é aí, onde eu digo que houve uma interação. Me coube duas tarefas, uma foi a reconstituição do processo histórico, de como as datas podiam ou não coincidir com os achados arqueológicos, e uma intervenção final

arqueologia nem é a maior, nem a menor. Ela trabalha em conjunto com as demais ciências.

CLIO: No caso da Igreja da Graça, onde houve uma participação maior do arqueólogo, quais foram as mudanças feitas no projeto após essa interação?

Professor José Luiz: As mudanças foram muito graves. Primeiro, as seteiras foram localizadas: as duas frestas de iluminação. Verificou-se que o Coro estava na mesma posição, mas a área de comunhão que era pequena, era somente no falso transepto. A área de comunhão avançou quando o Seminário de Olinda foi instalado porque havia muitos padres e precisava que eles ficassem destacados do resto do povo. Segundo, a questão das capelas: de um lado eram duas, do outro lado não foram construídas duas, apenas uma. Pensávamos encontrar outra, mas não se encontrou.



Houve um grande número de informações que foram registradas, pela arqueologia, e foram aceitas, ou não, por mim para definição do partido do projeto

Posteriormente, descobriram-se túmulos. As estátuas estavam enterradas em antigos túmulos e toda uma sequência de sepultamentos. O que foi, neste sentido, uma grande contribuição para a história desses sepultamentos: sepultamentos com lençol, sepultamentos com caixas, sepultamentos uns sobre os outros.

Provavelmente, realizados em algum período de cólera, de alguma epidemia. Nessa situação, se virava o corpo por sobre o outro e jogava o cadáver. Encontraram-se, também, sepultamentos com perfurações de bala. Como se pode ver, houve um grande número de informações que foram registradas, pela arqueologia, e foram aceitas, ou não, por mim para definição do partido do projeto. Dentre essas informações, por exemplo, a divisão da Nave segundo os princípios dos sepultamentos com as pedras tumulares foi incorporada. Então, na realidade houve mudança.

Então, o que aconteceu, na ocasião, foi que a Igreja da Graça, assim como a Igreja da Sé, foi feita com uma equipe que vinha do Rio de Janeiro e que se reunia com a equipe daqui gerando uma decisão. Então, o que se decidiu é que se manteria o que se encontrou na arqueologia. Não era um laboratório de arqueologia, nem um

relatório de arqueologia, mas a arqueologia aceitou o uso das suas informações para a intervenção de arquitetura. E a intervenção de arquitetura respondeu àquilo que está na arqueologia. Quer dizer, houve uma interação.

CLIO: No caso da Igreja da Sé, mesmo sem a participação direta do arqueólogo, como a experiência vivenciada na Igreja da Graça contribuiu para a adoção do partido adotado no projeto?

Professor José Luiz: Na Igreja da Sé, eu realizei a prospecção segundo o princípio de Airton Carvalho, e houve também mudança, por exemplo, por princípio eu adotei que o que eu não encontrei, não seria levado em consideração. Eu também não refaria nada. Havia dois quartelões que foram do século XVIII que eu não encontrei vestígio. Então, eu desci a rampa com a marca da pedra que existia sobre a rampa. Era justamente para dar aquele sentido de frontão mais baixo na nave central e na nave laterais.

As janelas foram todas encontradas, mas nós não podíamos reconstituir as janelas originais porque não se encontrou nada. Deixaram-se as janelas que chegaram até o século XIX. Quanto às capelas, o que aconteceu? Quando a abrimos o arco encontramos a base, o alicerce e a marca dos arcos na parede. Então, eu iria cometer uma loucura se eu fosse reconstruir em pedra, por isso reconstituí utilizando duas paredes duplas em alvenaria, para que a qualquer época, se se encontrar uma documentação, fosse possível sua remoção. Mas até hoje, não se encontrou. Havia, também, uma porta lateral numa das capelas que foi inutilizada



na nave, para ventilar. Eu não restaurei, porque não encontrei vestígios. Aquilo foi um tapamento feito em tijolo e não tinha sentido. Era uma simples abertura, que depois, em massa, se fez a porta. Então aquilo era falso, não era condizente com arquitetura de pedra. Se houvesse uma porta de fato, era uma porta de pedra, então, eu fechei, a deixei fechada como era natural nas matrizes.

Eu visitei 50 igrejas em Portugal e depois Airton Carvalho, que era meu companheiro de trabalho, visitou as mesmas igrejas para conferir se aquela solução adotada por mim na Igreja da Sé era correta. Daí me deixou tranquilo. O que é que eu quero dizer com isso? É o seguinte: quando você tem certeza de que você está certo, de que você está correto, de que você está seguindo uma teoria, não tem o que discutir. Mas para me defender, eu publiquei um livro. Um livrinho publicado pela Fundarpe, mostrando tudo o que foi encontrado.

CLIO: Na sua opinião, haveria algum conflito nessa relação da Arquitetura com a Arqueologia?

O conflito surge quando uma das ciências quer ser melhor que a outra.

Professor José Luiz: Conflito existe. Com toda a franqueza, o conflito surge quando uma das ciências quer ser melhor que a outra. Esse é que é o problema, porque vanitas vanitatis. Que dizer, a arqueologia não diagnostica individualmente, a



arqueologia diagnóstica como um subsídio para o diagnóstico de grupo, de ciências. Lembrando que além dessa ciência, você ainda tem a antropologia, a sociologia, etc. Por exemplo, no caso da Sé, ainda era preciso conhecer, por exemplo, o processo para formação da cidade, como se localizou aquela igreja naquele ponto e porque a formação da Praça da Sé naquela orientação.

CLIO: Qual a sua posição sobre as discussões de que uma prospecção arquitetônica pode ser feita só por um arquiteto, não havendo necessidade de um arqueólogo?

*Eu preferi, então,
tomar como partido
um relatório de
Arqueologia e revelar
o que se encontrou da
pesquisa
arqueológica*

do espaço e beleza do edifício e o arqueólogo tem outra visão do mesmo objeto. É uma complementação. Veja bem, muitas vezes os objetos se transformam e o arquiteto percebe antes mesmo do próprio arqueólogo. Outras vezes, o arqueólogo

Professor José Luiz: Isso é impossível. É impossível pelo seguinte. Minha formação como arquiteto foi generalizada. Isto é, eu como arquiteto era engenheiro e era professor de história da arte. Mas nunca me senti à vontade, de fazer uma obra do vulto da Igreja da Sé, da Igreja da Graça, do Palácio do Bispo, e da Casa da Câmara se não tivesse perto de mim um arqueólogo. O arquiteto tem uma visão



encontra uma evidência e o arquiteto interpreta a evidência fantasiosamente. Aí está um erro.

Por exemplo, em outro trabalho de restauração que eu fiz, a Sinagoga, eu não restaurei uma sinagoga. Eu restaurei espaços de culto e espaços de estudos. Muita coisa poderia ser refeita, porque a gente tinha um conhecimento vago, do local da escada, por exemplo. Mas isso iria mexer com toda a estrutura da edificação. Eu preferi, então, tomar como partido um relatório de Arqueologia e revelar o que se encontrou da pesquisa arqueológica. E, assim, dar condições de uso criando móveis que não são móveis reais, como, por exemplo, eu criei um forro para esconder o ar condicionado. Mas esse forro não existia na Sinagoga original, mas foi uma maneira de coexistir o sonho e a realidade. Porque seria uma coisa muito estranha deixar numa sinagoga um telhado aberto.

Outro exemplo foi na Igreja da Madre de Deus. Nesse caso eu dei apoio à proposta do arquiteto contra a proposta do Iphan, ou seja, quando houve o incêndio da Madre de Deus, o Iphan, a partir de fotografias, restaurou toda a talha: a talha ficou em madeira. Então, se queria deixar em madeira, e eu disse não. Deveria se revestir a talha com um ouro diferente, pois estava revestida antes do incêndio. Isso porque a Igreja da Madre de Deus tem pompa e circunstância. A talha em madeira foi só o primeiro estágio. E foi o que foi feito. Foi feito um ouro mais claro, deixando o escuro como o original.

Uma celeuma, por exemplo, está instalada agora com relação à Igreja de São Pedro dos Clérigos, que nunca foi concluída. Então, em um determinado momento, pintaram os altares todos de branco para receber dourados e marmorizados. Mas ao que tudo indica a igreja nunca recebeu dourados e marmorizados. Não há nenhum vestígio. Mas a equipe está procurando.

Eu acredito que a igreja ficou incompleta. Mas quando foi sendo restaurada, houve a renovação da pintura para criar a madeira com um filete branco. Então, removeu-se toda a pintura branca dos altares de São Pedro dos Clérigos. A meu ver foi um crime. Porque era branca pra ser depois dourada? As flores seriam douradas e o fundo seria marmorizado, mas isso nunca chegou a ser feito. Então era melhor deixar no estágio branco e não remover, que contrastava bem com a pedra.

CLIO: Como é que o senhor vê o fato de que muitos arquitetos tem se especializado em arqueologia.

Professor José Luiz: Eu não acho isso bom. Primeiro, porque a visão da arqueologia não é uma visão espacial semelhante à da arquitetura. A visão do arquiteto é do espaço e dos elementos componentes da arquitetura ao nível de desenho.

*A visão do arquiteto é
do espaço e dos
elementos componentes
da arquitetura ao nível
de desenho. A visão do
arqueólogo, não, ele vê
o vestígio*

A visão do arqueólogo, não, ele vê o vestígio. É a marca da presença, muitas vezes de tempos diferentes. Onde há a necessidade da leitura. Você tem tempos diferentes no edifício que o arqueólogo identifica até por uma superposição de um tijolo sobre o outro. A visão do arqueólogo é uma visão diferente do arquiteto.

15

Ele [o arquiteto] não vai ser melhor arqueólogo porque fez arqueologia. Ele vai ser melhor arqueólogo se entender arqueologia. Quais são as funções do arqueólogo, como também tem arqueólogos que não entendem o que é arqueologia. São arqueólogo, mas não entendem que a arqueologia não é uma obra de arquitetura. Não é uma obra definidora da arquitetura e sim uma obra instrumentadora em comum com a arquitetura e com a própria história, e quando eu falo história é a da arte e da arquitetura, e até urbana.

CLIO: Qual a sua opinião sobre o termo Arqueologia da arquitetura?

Professor José Luiz: Não acho que seja um termo interessante, porque não é a arqueologia da arquitetura, mas arqueologia dos bens materiais construídos para

fins de uso pelo homem. Arquitetura você tem uma variedade imensa, porque a arquitetura é vago. Arquitetura é a casa, o móvel, a cidade.

CLIO: Na sua opinião, há alguma coisa importante para falar sobre a relação arqueologia e arquitetura para os arqueólogos?

Professor José Luiz: Eu diria que o arqueólogo deveria procurar entender, e também de modo inverso o arquiteto também, qual o papel das duas ciências. O que é que o arqueólogo precisa fornecer ao arquiteto e o arquiteto precisa fornecer ao arqueólogo. O trabalho que eu fiz na Igreja da Graça com Marcos Albuquerque foi um trabalho sem nenhuma falsa modesta, modelar. O dele foi um trabalho

*O grande erro do
arqueólogo é tentar
ser arquiteto e
historiador*

arqueológico sobre sepultamentos e, no meu caso, um trabalho de restauração, dentro dos princípios dos diversos momentos do edifício. Então, por isso é bom que os dois trabalhem em comunhão. E mais importante é saber qual é o papel de cada um dentro do que está sendo feito. No meu ponto de vista, o grande erro do arqueólogo é tentar ser arquiteto e historiador. E ele não é. Ele tem uma formação muito bem definida e pode até ajudar nas hipóteses de um trabalho conjunto, porque ele tem uma experiência de campo.